

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ibovespa recua com Trump

Principal indicador da B3 caiu 1,31%, enquanto o dólar subiu 1,04%. No mercado futuro, a reação foi ainda pior

O Ibovespa chegou ao meio da semana em baixa pela terceira sessão, devolvendo mais dois degraus na escalada que o havia levado, na sexta-feira passada, ao recorde de 141 mil pontos. Após ter fechado na terça-feira aos 139 mil, o índice da B3 recuou, ontem, 1,31%, pressionado em especial a partir do meio da tarde por novos sinais protecionistas do presidente Donald Trump, inclusive ao Brasil. O Dólar subiu 1,04%, para R\$ 5,502, e o dólar futuro para agosto aumentou para R\$ 5,611, variando 2,30%.

No fechamento de ontem, o Ibovespa mostrava perda de 1,31%, aos 137.480,79 pontos, menor nível desde 27 de junho. Depois do fechamento do índice à vista, o Ibovespa futuro mostrava perda ainda maior, na casa de 2,5%, com a divulgação de carta emitida pelo presidente Trump em que não apenas volta a defender o ex-presidente Jair Bolsonaro do que, segundo ele, seria uma "caça às bruxas" movida pelas instituições brasileiras, como também impõe uma tarifa de 50% sobre todos os produtos brasileiros que chegam aos Estados Unidos. (leia mais nas páginas 2, 3 e 4)

Mais cedo, em desdobramento já negativo para a percepção de risco, especialmente para emergentes como o Brasil, Trump afirmou que mais cartas sobre tarifas seriam enviadas a parceiros comerciais. Ele reiterou, contudo, que tem uma boa relação com o presidente da China, Xi Jinping, e que o país já

Getty Images via AFP



Encerrado antes da divulgação da carta do presidente americano, o pregão sofreu queda de 1,31%, após comentários que ele fez contra o Brics

está pagando muitas tarifas para os EUA. Os comentários foram feitos em coletiva durante almoço com líderes africanos na Casa Branca.

Antes, Trump havia anunciado a alíquota tarifária de 30% para o Sri Lanka, um pequeno país insular do Oceano Índico. Foi o

sétimo a receber a carta sobre tarifas apenas nesta quarta-feira. Ele anunciou ainda tarifas para Argélia, Filipinas, Líbia, Iraque, Moldávia e Brunei. Outros 14 países, entre os quais o Japão e a Coreia do Sul, grandes parceiros dos Estados Unidos, também já foram

notificados sobre as alíquotas.

Em Nova York, os principais índices acionários fecharam o dia com ganhos entre 0,49% (Dow Jones) e 0,94% (Nasdaq) na sessão. Na B3, além de Braskem, destaca-se neta quarta-feira para Vamos (+2,31%) e BRF (+1,67%). No campo

oposto, PetroReconcavo (-5,36%), Marfrig (-4,73%) e CVC (-4,51%).

Juros futuros

Os juros futuros percorreram a segunda etapa do pregão em alta, movimento mais modesto se

comparado à deterioração dos demais ativos locais, mas que ganhou fôlego no fim da sessão. A tarifa comercial de 50% para o Brasil anunciada pelo presidente dos EUA, Donald Trump, fez os vencimentos a partir de 2028 renovarem máximas intradia.

Encerrados os negócios, a taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) com vencimento em janeiro de 2026 oscilou a 14,930%, vindo de 14,923% no ajuste anterior. O DI de janeiro de 2027 passou de 14,175% no ajuste da véspera para 14,270%. O vértice de janeiro de 2028 marcou 13,595%, de 13,419% no ajuste da véspera para 14,270%. O vértice de janeiro de 2029 aumentou de 13,304% no ajuste de terça-feira para 13,485%.

No mesmo horário, os juros dos Treasuries recuavam em todos os vencimentos, em reação à publicação da ata de política monetária do Federal Reserve (Fed). "Agora o mercado não discute muito a necessidade de cortes de juros nos EUA. A questão é mais quando os cortes começam, e quantos serão", afirmou Flávio Serrano, economista-chefe do banco BMG. O ciclo de flexibilização monetária americana é um fator decisivo para que o BC brasileiro possa fazer o mesmo.

Para Tiago Hansen, diretor de gestão e economista da Alpha-wave Capital, a ofensiva tarifária de Trump foi o principal fator que afetou a curva brasileira ontem. "O estresse maior está no dólar", ponderou.

Tomaz Silva/Agência Brasil



Dilma: é preciso uma discussão séria no mundo sobre o financiamento

NDB financiará 30% em moedas locais

A presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), Dilma Rousseff, voltou a defender, ontem, o uso de moedas locais em financiamentos realizados nos países do Brics, como uma forma mais vantajosa de promover o desenvolvimento sustentável desses países.

"Nós sabemos que os países em desenvolvimento e as economias emergentes têm uma deficiência de acesso ao financiamento. Plataformas como o NDB e os bancos nacionais de desenvolvimento suprem isto, em parte, mas é necessária uma discussão muito séria no mundo a respeito de como resolver o problema do financiamento", disse, em participação do seminário A Transição Energética e a Sustentabilidade do Futuro, na sede do BNDES, no Rio de Janeiro.

"Uma das soluções mais

promissoras envolve a ampliação do uso de moedas locais nos financiamentos realizados por bancos multilaterais, porque você obterá uma taxa de juros menor", defendeu Dilma. O uso de moedas locais em vez do dólar ou do euro em empréstimos, de acordo com ela, traz maior segurança e menos oscilação dos preços, ajudando os países a pagarem com maior facilidade as dívidas.

"O que acontece muitas vezes é que o acesso à moeda internacional é considerado não adequado para financiamento de longo prazo, porque durante 30 anos, por exemplo, para uma hidroelétrica, ou 20 anos para o financiamento de outras fontes de energia, você terá o risco crescente de ter situações que você não controla", explicou.

Segundo Dilma, cerca de 25% da carteira do banco atualmente está denominada em moedas locais. A meta é alcançar 30%, em 2026, o que posiciona o banco na vanguarda entre as instituições multilaterais de desenvolvimento que usam esse tipo de operação. "Financiamentos denominados em moedas locais, eles ajudam a mitigar riscos cambiais relacionados a moedas avançadas, porque você não controla a política monetária que esses países adotam e, portanto, quando a sua moeda se desvaloriza e a taxa de juros sobe, o setor privado, por exemplo, não tem condições de suportar a pressão no seu balanço financeiro", disse.

A adoção de medidas como esta, que favorecem os países membros do Brics, geraram reação do presidente dos Estados Unidos,

Donald Trump, que ameaçou taxar os países que adotarem as políticas que considerou antiamericanas.

O banco, atualmente, conta com 11 membros, junto com Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Emirados Árabes, Bangladesh, Egito, Argélia, Uzbequistão e Colômbia. Os fundadores do Brics são os maiores depositantes de recursos, mas fazer parte do Brics não garante acesso ao NDB.

Desde 2014, foram aprovados 122 projetos de investimento, totalizando em torno de US\$ 40 bilhões. Somente para o Brasil, foram aprovados 29 projetos, totalizando US\$ 7 bilhões. O desembolso total para o país foi de US\$ 4 bilhões, o que representa 18% do total de desembolso do banco. (Agência Brasil)

Brasil e Marrocos buscam ampliar parcerias comerciais

» ROSANA HESSEL

Marraquexe, Marrocos – As relações comerciais entre Brasil e Marrocos são tímidas em valores, mas poderiam ser ampliadas, uma vez que a economia dos dois países são complementares na busca de oportunidades nas relações bilaterais. Esse foi o fio condutor do Lide Brazil-Morocco Fórum, que reuniu autoridades e empresários dos dois países, ontem, em Marraquexe, organizado pelo Grupo de Líderes Empresariais (Lide).

O embaixador do Brasil no Marrocos, Alexandre Parola, destacou três áreas com potencial de crescimento dos investimentos entre os dois países: agronegócio, turismo e logística.

"Temos muitas diferenças e somos muito semelhantes. E essa parceria vai além dos dois países. O Brasil é a porta de entrada para o Mercosul e o Marrocos é a porta de entrada para a África como um todo. Esses dois países devem ter um perfil mais importante para liderar no que tange a agricultura mundial", disse.

O diplomata destacou que Marrocos é dono de 70% das reservas globais de fosfato e, atualmente, o Brasil é o segundo maior importador de fertilizantes do país africano, atrás apenas dos Estados Unidos. "As duas economias são complementares. Esse encontro nos fornece uma plataforma completa e esperamos ultrapassar os Estados Unidos na importação de

Divulgação



O embaixador Parola destacou o agronegócio, o turismo e a logística como áreas de interesses comuns

fertilizantes", afirmou Parola.

Segundo ele, o Brasil tem feito um esforço para diversificar os fornecedores de fertilizantes, porque o país importa 90% do fertilizante utilizado nas lavouras brasileiras. "Sempre fomos grandes compradores de fertilizantes e estamos comprando mais agora, porque o país é uma potência agrícola, mas depender de 90% do fertilizante no exterior é um risco estratégico e o

Marrocos é um parceiro importante nessa área", explicou.

Parola afirmou que o governo brasileiro tem conversado com a marroquina OCP, um dos maiores fabricantes de fertilizantes do mundo, para ampliar a presença no Brasil, e, quem sabe, investir em uma fábrica no Brasil para atender o mercado doméstico.

Na avaliação do diplomata, as condições estão dadas para a

cooperação e a parceria entre os dois países é essencial e estratégica para garantir a segurança alimentar. "Reconheço a preocupação dos marroquinos na preservação da água e o esforço para usar menos água na produção agrícola. E a porta de entrada e mais imediata é a diversificação da parceria com a OCP para ir além da compra de fertilizantes e ampliar a parceria e trocar conhecimento", disse.

Turismo

De acordo com Parola, a retomada do voo direto entre Brasil e Marrocos explodiu o número de turistas brasileiros no país africano. "Ouço mais português nas ruas e é hora de os marroquinos irem mais ao Brasil", afirmou o embaixador ao **Correio**. O presidente da Royal Air Maroc, Abdelhamid Addou, destacou que a empresa retomou os voos diretos para o Brasil interrompidos por conta da pandemia da Covid-19, e, até 2026, pretende operar, pelo menos, seis voos semanais entre os dois países. A companhia vem ampliando a frota de 50 para 200 nos próximos anos.

"Hoje, somos a segunda maior companhia do continente africano e vamos comprar, pelo menos, mais 15 aviões por ano que vai permitir multiplicar por quatro o fluxo da empresa", disse o executivo.

Vinicius Lummertz, ex-presidente da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur) e membro sênior do Instituto Milken, reforçou que o Brasil tem potencial para desenvolver turismo no Marrocos, pois existe uma estimativa de que o número de brasileiro morando no país africano deve saltar de 180 mil para 350 mil nos próximos anos.

Para ele, com a expectativa de ampliação da frota da Royal Air Maroc, o Brasil entra nessa rota de melhorar o turismo bilateral. "O Brasil precisa ter uma estratégia mais agressiva voltada ao turismo", pontuou Lummertz.

O executivo lembrou que, enquanto Marrocos recebe 40,2 mil turistas brasileiros, o Brasil recebeu 4 mil turistas marroquinos.

Exportações

Ali Seddiki, diretor geral da Agência Marroquina de Desenvolvimento das Importações e Exportações (Amdie), reconheceu que, como o Brasil é um importante membro do Mercosul, o país pode construir um corredor para o Marrocos na região, ampliando a cooperação Sul-Sul.

"Nossa iniciativa atlântica é criar um corredor entre o Brasil e o Marrocos aumentando o acesso entre os países de cada continente e diversificar as nossas exportações", afirmou. "Precisamos nos conectar e começar uma colaboração conjunta e precisamos criar mais oportunidades de negócios entre os dois países", afirmou.

Um dos palestrantes do evento, que contou com presença de senadores e deputados brasileiros, o ex-presidente Michel Temer, elogiou o evento do Lide e a iniciativa de aproximar mais o Brasil do Marrocos, uma vez que o Brasil é o segundo maior exportador de alimentos do mundo e, como o país africano tem fertilizantes, especialmente potássio, existe uma "relação umbilical" entre os dois países. "O futuro é alimentar o mundo. E, por isso, o Brasil será fundamental", afirmou.

*A jornalista viajou a convite do Lide